



## Goethe: para além das aparências

Myreli Xavier\*

VEDDA, Miguel. *Leer a Goethe*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Quadrata, 2015. 192 p.

*Leer a Goethe*, de Miguel Vedda, integra a coleção *Llaves de lectura*, que, como o próprio nome sugere, busca oferecer ao leitor ferramentas que sejam úteis tanto para aproximação inicial como para aprofundamento em obras de grandes autores da literatura. A sutileza do mote desta coleção não deve, no entanto, induzir-nos a erro: trata-se precisamente de portas de entrada e de chaves – no plural – que se propõem a abrir as obras de cada autor em múltiplas direções, conforme assinalado pelo próprio editorial. Em consonância com esse objetivo, no número dedicado a Goethe, o leitor não encontrará uma chave de leitura unívoca que o colocará em contato com um todo fechado e pleno de sentido. Muito pelo contrário.

Ocorre, já no primeiro capítulo, um combate – devidamente fundamentado – às leituras que ofuscam as ambiguidades e se traduzem em uma sistematização homogeneizante e inflada de coerência tanto da vida como da obra do escritor alemão, apresentando-o como uma personalidade harmônica, dotada de unidade orgânica, e cujas obras também possuiriam essa suposta característica, refletindo, assim, um trajeto trilhado de forma consciente, e sempre ascendente, no desenvolvimento de um gênio rumo ao aperfeiçoamento pessoal – à semelhança do modo com que os protagonistas de obras como *Fausto* e *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* foram vulgarmente recepcionados pelo grande público da época.

Tais leituras simplificadoras e unilaterais, que seguem, em larga medida, vigentes, concentram-se apenas em alguns aspectos e não vão além da superfície mais aparente, colocando em risco a riqueza do legado goethiano. Nesse sentido, a proposta de Vedda é, em linhas gerais, justamente promover um resgate da vida e da obra do autor de *Fausto*,

e os motivos pelos quais ele é merecedor dessa (laboriosa) empreitada vão sendo expostos paulatinamente ao longo de seu livro.

Se, por um lado, são realmente apresentadas ao leitor algumas chaves interpretativas – no sentido de esclarecer alguns *Leitmotivs*, figuras recorrentes e elementos mitológicos presentes nas obras de Goethe, além de explanações sobre acontecimentos históricos e biográficos –, por outro lado, essas leituras lançam luz justamente sobre a heterogeneidade, as contradições e os sinais da história acerca dos quais encontramos vestígios na vida e na produção literária do escritor alemão, mas que não foram expressos ali de maneira direta, emotiva ou autobiográfica – fosse assim diriam respeito apenas a um indivíduo singular, quando muito a um pequeno grupo, e não integrariam o patrimônio cultural da humanidade. É justamente na configuração estética das “contradições vivas de seu tempo” – dos problemas atinentes a todos os homens, quer tenham consciência deles ou não – que se encontra sua riqueza e fecundidade. Esses aspectos, que hoje podemos acessar por meio de seus escritos, articulam a importância de se resgatar Goethe, conforme nos revela Vedda (2015, p. 14-15) e também sinalizam a importância do esforço empreendido pelo catedrático argentino.

Como o próprio autor expõe logo na abertura do primeiro capítulo, trata-se de uma leitura própria – solidamente fundamentada, devemos acrescentar – da obra do escritor alemão, que não tem o propósito de oferecer uma visão coerente e exaustiva a seu respeito. Tal tarefa seria impossível, não apenas pelo caráter predominantemente geral e introdutório da proposta, mas também – e principalmente – porque se trata, segundo suas próprias palavras, de uma obra “especialmente inapropriada para um tratamento sistemático,

---

\*Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com financiamento concedido pela Fapemig. E-mail: xavier.myreli@gmail.com.

unitário e generalizador” (VEDDA, 2015, p. 11)<sup>1</sup>, nos moldes do que foi costumeiramente conferido por vários intérpretes.

*Leer a Goethe* inicia-se, portanto, com esse laborioso esforço de desarticular leituras homogeneizadoras, que contribuíram para converter Goethe em um mito, uma lenda. Desse modo, valendo-se do material produzido por críticos e biógrafos relevantes, da correspondência pessoal do escritor alemão, bem como de sua vasta produção literária, Vedda se dedica a demonstrar que quando se efetua uma leitura honesta e objetiva do conjunto, sem privilegiar apenas o que impressiona e o que se harmoniza com interesses e pontos de vista próprios ou pré-estabelecidos, resulta clara a incorreção das referidas interpretações. Por outro lado, procura destacar também a proximidade dessas interpretações unilaterais com posturas de matizes variados: a pequeno-burguesa, protestante e *middle-class*, que degrada os escritos goethianos a “uma sorte de catecismo moral simplificador e coerente”, supostamente alinhados à moral da classe média; a estilização idealista, que trata de “afirmar uma unidade perfeita entre vida e obra e, por sua vez, entre ambas e o desenvolvimento intelectual da Alemanha” e, por último, porém próxima a esta última, a canonização nacionalista, que converte Goethe em herói nacional, pai da nação, líder (*Führer*) “de uma aristocracia de espíritos” – estratégia ideológica fascista que perdura até hoje.

Por vias diversas, Vedda observa que se buscou uma unidade orgânica no interior das obras de Goethe e também na própria vida do autor – para a qual sua autobiografia contribuiu, em alguma medida – que na realidade não existiu. Encontramos, de fato, algumas continuidades e elas são pontuadas pelo autor da análise. Mas ele chama atenção para o fato de que uma leitura fidedigna não pode se furtar a reconhecer a existência – no geral muito maior e mais significativa – das irregularidades e dissonâncias, menosprezadas ou obscurecidas por correntes de orientações distintas, ainda que, em alguma medida, afins.

Tendo em vista os objetivos e limites de uma resenha, não cabe reproduzir aqui todo o trajeto por meio do qual o autor não só leva a cabo as referidas críticas como demonstra e sustenta suas teses. Para conhecê-lo, exortamos a leitura desse texto, no qual o leitor será introduzido a um Goethe multifacetado, que inovou praticamente em todos os gêneros literários com os quais entrou em contato. Um indivíduo que, a despeito do grande artista que

foi, possuía uma personalidade vacilante, era incerto de sua própria capacidade criadora, insatisfeito com a recepção de suas obras e buscava um ponto de solidez ao qual se agarrar em meio ao caos: “um homem que há se esforçado muito” e para o qual a escrita não se realizava de forma fácil e espontânea.

Nosso principal objetivo aqui será apontar alguns dos traços do Goethe de Miguel Vedda que sobressaem nos três capítulos posteriores à sua crítica inicial, que acabamos de esboçar. Em termos de estrutura, pode-se dizer, em linhas gerais, que cada um deles é dedicado – porém, não de forma rígida e hermética – a um período da vida do escritor alemão, começando por sua juventude. Tendo em vista a impossibilidade de abarcar, e muito menos de sistematizar, toda a produção de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, *Torquato Tasso* e *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* são as principais obras analisadas por Vedda. Ainda que vários outros títulos sejam incorporados à discussão e examinados, em maior ou menor grau, com grande domínio e propriedade, estas obras são representativas de diferentes fases da produção literária do escritor alemão e podemos dizer que constituem uma espécie de fio condutor das análises empreendidas pelo catedrático argentino em cada um dos referidos capítulos. O objetivo último é aquele ao qual já fizemos referência: resgatar o autor de *Fausto* das banalizações e restituir laboriosamente a complexa riqueza e multiplicidade de sua vida e de sua obra, “que a pseudocultura pequeno-burguesa insiste em lhe subtrair” (VEDDA, 2015, p. 182).

No capítulo dedicado aos anos de juventude do escritor alemão, destacam-se a abordagem e a caracterização do movimento *Sturm und Drang*, no seio do qual Goethe começou a escrever, além da influência do sentimentalismo e de autores como Lessing e Herder. Combatendo mais uma vez teses comumente reproduzidas, Vedda se empenha em demonstrar que, por mais importante e decisivo que tenha sido o papel de Herder para a formação do jovem escritor – como de fato foi –, as raízes de sua visão de mundo e de sua literatura encontram-se em um período anterior ao do encontro com o mentor, quando se dedicou ao estudo da “filosofia emanativa” ou do *systema emanativum*.

Conforme esclarece o professor argentino, esse sistema “propunha uma cosmovisão na qual o valor dos elementos singulares depende da função que eles possuem dentro da totalidade. Central aí é a categoria da

<sup>1</sup> Todas as traduções são da autora da resenha.

*polaridade*” (VEDDA, 2015, p. 53). Goethe, que tinha grande antipatia pelas sistematizações e pela ideia de sistema – e que a despeito de todas suas observações nesse sentido acabou sendo vítima delas<sup>2</sup> –, não assimilou essa filosofia como um sistema fechado, mas sim como um ponto a partir do qual elaborou uma “cosmovisão pessoal”, que ele mesmo veio a designar, mais tarde, como sua “religião pessoal”.

Detemo-nos nesse episódio porque, conforme defende Vedda, é nesse período que começa a ser elaborada a ideia da polaridade como traço essencialmente humano, e crucial para a sua compreensão. Essa ideia desempenhará um papel muito importante na conformação das obras goethianas, e podemos dizer que é uma das grandes responsáveis por sua fecundidade. Ainda segundo o autor de *Leer a Goethe*, traços da assimilação pessoal dos conteúdos da referida filosofia podem ser vistos desde os seus escritos de juventude, nos quais ocupa lugar de destaque justamente a polaridade: forças luciferinas e ganimédicas, concentração e expansão e sístole e diástole como impulsos contrários que confluem para a geração do pulso da vida. No entanto, isso é configurado sem que se realize nem uma depreciação e uma censura; nem uma sobrevalorização de um único polo, fundamentada em uma moral abstrata e normativa. O que se almeja é o estabelecimento de uma reconciliação, um “equilíbrio superador”. Ambos os polos possuem “valor relativo, porém inquestionável”, de modo que, no interior das forças luciferinas, são identificados traços como a concentração no mundano, o impulso individualista, o ensimesmamento, a tendência para a ação e a faculdade criadora (por vezes representada pelo fogo, elemento luciferino que aparece em algumas obras); ao passo que no polo ganimédico são reconhecidas, por exemplo, a aspiração a uma fusão com a totalidade, a elevação ao espiritual e a melancolia que, em si mesma, é ambígua e pode ser tanto mórbida e patológica, como divina e positiva. Uma multiplicidade e uma variação caleidoscópica destes e de outros traços aparecem configuradas em vários personagens da literatura goethiana – e por vezes no interior

mesmo de alguns – que, não raro, influenciam-se mutuamente em um complexo (des)equilíbrio.

Paralelamente às análises literárias, são contemplados também acontecimentos históricos e biográficos que impactaram a formação e o desenvolvimento do escritor alemão, acerca dos quais encontramos vestígios em sua produção literária – o período em Weimar e a vida ativa, na qual se gestou o que se conhece como o objetivismo em Goethe, o convívio amistoso com Charlotte von Stein, a relação amorosa, à época escandalosa, com Christiane Vulpius, a amizade com Schiller, a Revolução Francesa etc. Vários desses acontecimentos adentram o universo dos personagens goethianos não como expressão direta das vivências e sentimentos de seu autor, mas sim de maneira muito mais diversificada, sutil e complexa, de modo que as posições dos protagonistas não são necessariamente as de seu criador. Muitas delas ele, inclusive, desaprova. Por isso, lê-lo nesta chave constituiria não apenas uma banalização, mas principalmente a esterilização de seu caráter de memória do gênero humano.

O Goethe que Miguel Vedda introduz ao leitor é um exímio observador da realidade de seu tempo, com grande habilidade para o distanciamento, a auto-observação e a autoironia, aspectos por vezes ausentes em alguns protagonistas, como Werther, que chegou a ser diretamente identificado pelo grande público da época com o próprio Goethe, em uma “confusão entre ficção e realidade” (VEDDA, 2015, p. 61-62). Goethe era alguém com excepcional capacidade para reconhecer e configurar a situação objetiva, para “abordar um problema a partir de perspectivas contrapostas, sem outorgar a nenhuma a verdade definitiva” (VEDDA, 2015, p. 95). Um homem versado em política e literatura que destacou vestígios da Modernidade em seus personagens, repartindo entre eles doses equilibradas de razão e desrazão, de acerto e de erro (VEDDA, 2015, p. 107).

Associada a isso encontra-se outra característica importante do escritor alemão, que sobressai ao longo da exposição de Vedda: muito embora seja capaz de identificar – precocemente, podemos dizer – alguns

<sup>2</sup> “*El modo más ingenioso de volverse tonto es a través de un sistema*: esta frase de Shaftesbury, que en el verano 1774 copió Goethe en el cuaderno de un amigo, podría funcionar como epígrafe de su producción literaria y científica; en ella encontramos una continua fascinación por la multiplicidad y concreción naturales, y una crítica al reduccionismo. Esto hace que resulte especialmente absurdo el empeño en volverse ingeniosamente tonto rastreando en el *Fausto* y el *Wilhelm Meister* una unidad ausente. Pero, como vimos, el furor unificador no se circunscribió a la obra, sino que se extendió a la propia vida del autor, en la que se pretendió ver también algún tipo de coherencia orgánica.” (VEDDA, 2015, p. 19)

malefícios e problemas nodais da Era Moderna, submetendo-os a uma crítica precisa e acurada (as instituições impessoais, que parecem ganhar vida própria e que se tornam hostis aos homens; a redução dos indivíduos às suas funções; o individualismo; o excesso como medida, a veloz marcha “*velociférica*” em que caminhava a modernidade etc.), Goethe não é um romântico que idealiza um retorno ao passado. Apesar dos graves problemas, ele não perde de vista a existência de progressos e de potencialidades que não devem ser abandonadas, nas quais repousa uma pequena centelha de esperança, praticamente utópica, de dias melhores. Ainda que, enquanto observador agudo e preciso da modernidade estivesse desencantado com a possibilidade efetiva da atualização dessas potências naquele momento, o escritor alemão – que, como destaca Vedda (2015, p. 184), “não pensava de forma deliberada e consciente em termos de emancipação humana” – soube enxergar “tanto seus aspectos bárbaros e bestiais como suas débeis, porém reais potencialidades de liberação”.

Extremamente hábil para o reconhecimento e a configuração da realidade de seu tempo, para perceber seu caráter extremamente fragmentário – oposto à unidade e harmonia do período clássico – e seu potencial tanto negativo como positivo – lembremo-nos da ideia da polarização que já apontamos –, o escritor alemão não capitula diante dos problemas de sua época. Não cai na melancolia mórbida e no lamento romântico, infrutíferos para a ação, mas também não é um defensor cego da causa dos modernos, nem celebra incondicionalmente o triunfo do indivíduo. Tampouco se aproxima de uma postura filisteia, de adequação sem reservas à barbárie que se instaurava. A mediação e o equilíbrio evocado entre diferentes polos, bem como a esperança de alcançá-lo, não adquire, no entanto, contornos definidos, de modo que uma solução unívoca para os problemas não é objetivamente apresentada. Conforme observa Vedda, a obra é muito mais frutífera na colocação das questões do que no fornecimento de respostas. E isso não constitui necessariamente uma falta, pois, de fato, “a literatura cumpre muito melhor com seu propósito quando configura de maneira complexa um problema do que quando se propõe a avançar soluções” (VEDDA, 2015, p. 178). Ainda, o fato de permanecer vaga quanto a este aspecto serve também como indício de uma recusa às soluções ingênuas e simplificadoras que, perante a complexidade do problema e da variedade de elementos envolvidos, acreditam que a “resposta certa” é aquela que busca preservar o que é “bom” e eliminar o que é “ruim”, a fim de otimizar o

resultado – à semelhança do otimismo filisteu de Wagner, assistente de *Fausto*.

Antes de prosseguirmos, é preciso fazer uma importante advertência: os traços do Goethe descortinado por Miguel Vedda que temos destacado até agora podem ter passado a errônea impressão de que o catedrático argentino estivesse tentando transformar o autor de *Fausto* em um protomarxista, restringindo a compreensão deste ao âmbito dos debates estéticos travados nessa corrente. Não se trata disso. Embora algumas afinidades pontuais com o que posteriormente pensou Marx sejam assinaladas no decorrer das análises, Vedda reconhece igualmente a existência de divergências que não podem ser ignoradas. Aqui também é realizado o já referido esforço de uma apreensão fiel do conjunto que não busca suprimir a diversidade e os elementos que se mostrariam inconvenientes caso se pretendesse realizar tal conversão e identificação direta – o que não é o caso.

Passando, finalmente, ao período de maturidade do escritor alemão, no qual se encontram obras como *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* e o segundo *Fausto*, encerraremos com alguns apontamentos sobre o que ficou conhecido como *Altersstil*: o estilo de velhice de Goethe. Esse é um período em que se observam a concisão estilística, o realismo, a propensão à ironia e a composição de obras abertas. Ele é caracterizado, nas palavras do autor da análise, por “sua enigmática abstração, sua renúncia a toda referencialidade direta, sua extrema distância de qualquer expressão emocional imediata” (VEDDA, 2015, p. 123).

Há, porém, ainda outro traço muito importante desse período, para o qual procuramos chamar a atenção já no título desta resenha. Se, por um lado, nosso título faz uma referência indireta à crítica e à incorreção da mitificação e aparente unidade orgânica entre a vida e a obra do escritor alemão, por outro lado, ele está relacionado sobretudo ao fato de que um dos principais traços de seu estilo de velhice é a propensão ao genérico e ao essencial, expressos por Vedda (2015, p. 124) como a “vontade de remeter aos princípios essenciais do real, por trás das fantasmagóricas aparências”.

Conforme apontado pelo professor argentino, o interesse prioritário pelo genérico possui, no caso de Goethe, uma afinidade com a identificação de traços essencialmente humanos – como a “faculdade ética presente como latência” apenas entre os seres humanos e totalmente ausente na natureza, assim como os ideais de justiça e felicidade. Esses traços essenciais são representativos de “uma débil

força salvadora” perante a fragmentação da Era Moderna e encerram em si a esperança em uma possibilidade remota, sem contornos objetivamente definidos – que não se apresentava como algo imediatamente realizável para o escritor alemão – no potencial de reconciliação do gênero humano com a natureza e consigo mesmo<sup>3</sup>.

Uma marca importante de suas obras, sobretudo daquelas da maturidade, é que Goethe toca na essência; toca em problemas nodais do processo de civilização e em questões éticas importantíssimas. Configurando-os com agudeza e precisão, ele não lhes conferiu um tratamento dogmático, no plano transcendental, mas sim no plano

histórico e social – ao qual esses dilemas pertencem e de onde efetivamente provêm –, com a convicção de que é neste plano, ou seja, no âmbito terrenal, que os preceitos éticos e as convicções morais devem ser colocados à prova, testadas e validadas (VEDDA, 2015, p. 183). Essa refiguração artística ímpar bem como o tratamento social desses temas, constituem, segundo o autor de *Leer a Goethe*, a maior riqueza de seu legado e também o motivo pelo qual ele passou a integrar a memória do gênero humano. Por tudo isso é que Miguel Vedda se dedicou à laboriosa – e necessária – tarefa de resgatá-lo das banalizações pequeno-burguesas, e que recomendamos sua leitura atenta.

#### Como citar:

XAVIER, Myreli. Goethe: para além das aparências [resenha]. *Verinotio*, Rio das Ostras, v. 27, n. 2, pp. 461-464, mar. 2022.

---

<sup>3</sup> Acabamos de destacar o fato de que Vedda considera incorreto e tendencioso estabelecer uma identificação direta com as posteriores reflexões marxianas, neste caso, com aquelas sobre a essência genérica do ser humano [*Gattungswesen*].